

## **O Lugar do outro**

### **Exercício I**

ELE, sentado  
ELA, de pé

*Esta peça foi gravada pela France Culture em 1980.*

## PERSONAGENS

ELA

ELE

ELE, *sentado*. - Sente-se !

ELA, *de pé*. – Não, não ! É sempre a mesma história : eu me sento, a gente se senta e depois a gente não se levanta mais ; eu vi, você sabe, de « como nós » bloqueados, que pareciam apreciar, e que depois só pensavam numa coisa...

ELE, *sentado*. – Sente-se !

ELA, *de pé*. – Escute, vamos conversar. Eu, de pé, e você, sentado. Já não é tão ruim : eu vi outros de pé, isto poderia ser pior ; nós poderíamos estar os dois, desde o início, numa cadeira. Isto, creio eu, é o que poderia nos acontecer de mais dramático...

ELE, *sentado*. – Não nos complique tanto assim a vida : será que nós não estaríamos melhor, você e eu...?

ELA, *de pé*. – Não !...

*Um tempo.*

Desculpe-me : tudo isto já é tão... É uma pena... é uma pena, realmente, eu o penso... O que eu estava dizendo ?...eu dizia : « Conversemos !» Você diria : « Nada de tão original nisso... » ...Claro, claro, mas é menos arriscado, não é ?... Escute, vamos conversar : eu teria menos medo, tenho certeza...

ELE, *sentado*. – Você tem medo ?

ELA, *de pé*. – Não me faça dizer o que...

*Um tempo.*

Então, conversemos... você sabe ? Eu conheci alguém que se parecia muito com você... Pelo que me lembro... É muito simples : foi logo depois da minha grave operação... Ele estava sentado... É por isso que você se parece tanto com ele : é evidente. Eu, estava de pé, como agora, « hoje » eu creio... Ele me dizia : « Sente-se ! »... e depois, como dizer ? Eu era jovem, foi... Não, não !... foi antes da minha grave operação... Inocente... Sim, é isto, « inocente », como nos livros...

*Ela cai no choro.*

ELE, *sentado*. – Sente-se então, isto não pode lhe fazer mal... Sente-se, depois você levanta quando se sentir melhor...

ELA, *de pé*. – Não, não ! Nem pensar !... Na minha história, é exatamente igual : eu contei minha história a ele : Como um dia, eu estava perto de um homem que se parecia muito com ele, ele me dizia : « Sente-se ! Sente-se, você vai viajar... »

ELE, *sentado*. – Você não é sensata... Eu não queria acreditar, portanto me avisaram ...

ELA, *de pé*. – É falso ! É falso ! Você é um mentiroso ! Ninguém te falou nada. Ninguém nunca te diz nada... Somente eu, por pura piedade...

ELE, *sentado*. – « Por pura piedade » Bela invenção ! « Por piedade » ? Por vício, por brincadeira... Porque você está sozinha, porque ninguém, nem nada não cuida de você...

ELA, *de pé*. – Eu não sou mais uma criança, você sabe ? Dizem...

ELE, *sentado*. – Não dizem nada, absolutamente nada... Você sabe muito bem...

ELA, *de pé*. – Sussurram, sim, sussurram... Quando eu passo, com meu vestido florido e manchado de gordura nos dias de ressaca, eu escuto, sussurram. Dizem : « Não é mais uma criança, realmente, realmente... »

ELE, *sentado*. – Ninguém diz nada...

ELA, *de pé*. – Vamos admitir, vamos admitir : eu não quero te humilhar. Mas quando eu passo, eu vejo os olhares viciosos dos velhos sobre as minhas pernas por trás : « Não é mais uma criança...cada vez menos... » Quando eu passo, pode não parecer, mas me chamam de senhora, sim, de senhora...

ELE, *sentado*. – Você deveria se sentar, ser gentil...Uma adorável belezinha do seu gênero...Venha se sentar...

ELA, *de pé*. *Ela ri, ela imita-o*. – « Venha se sentar ! »... Olha, eu não terminei minha história...

ELE, *sentado*. – ... Sua história ... ?

ELA, *de pé*. – Sim, sim, minha história... Foi logo antes da minha grave operação... Eu passava por lá, pode não parecer... “Com minha cesta, minha manteiga »... Enfim, breve, eu não vou te impor os detalhes...

ELE, *sentado*. – Eu te agradeço.

ELA, *de pé*. – Não tente ser espirituoso !

ELE, *sentado*. – Não te vejo direito, e dói levantar sem parar a cabeça.

ELA, *de pé*. – Sim, claro, claro... Sente-se , sente-se... A VIDA NAO É TAO LONGA... É MELHOR VIVER SENTADO DO QUE DE PÉ... Falemos de outra coisa : então, o homem me disse...

ELE, *sentado*. – Qual homem ?

ELA, *de pé*. – O homem que parecia com você... Eu quero dizer, que parecia com o homem que parecia com você... Ou talvez, mesmo, ainda a um outro... O homem me disse : « Sente-se ! Sente-se ! » Eu, estava passando por lá, pode não parecer... Eu era inocente, naquele tempo, eu acreditava em qualquer coisa e em qualquer um. Eu disse-lhe : « Bom, de acordo... »

*Durante algumas das falas que seguem, ela vai mimar sem parar a cena, parecendo dever se sentar, a cada vez, e levantando-se, a cada vez, sem ter tocado o assento.*

ELE, *sentado*. – E então, você se sentou ?

ELA, *de pé*. – Eu me aproximo da cadeira, “pode não parecer”, e deixo ir minha bunda... O homem, evidentemente, estava como você neste momento, ele prendia sua respiração...

ELE, *sentado*. – Eu não estou prendendo minha respiração !

ELA, *de pé*. – Sim, se a gente quiser... Então, eu deixo minha bunda ir para trás, em direção da cadeira que agora só espera por mim... Oh ! Escute, respire ! É insuportável, não estamos mais escutando-o ! É como a noite na minha cama quando eu espero a manhã...

ELE, *sentado*. – É culpa sua, você nunca acaba de contar esta história : você sentou, sim ou não ?

ELA, *de pé*. – Então, minha bunda que parte para trás, meu nariz para frente... E ele que segura sua respiração... Na verdade, ele não parecia tanto assim com você, pensando bem... Eu quero dizer, além do fato que vocês estejam ambos sentados e esta mesma maneira de prender sua respiração...

ELE, *sentado*. – Eu não estou prendendo minha respiração !

ELA, *de pé*. – Sim, sim, é verdade... Então, justo no momento, mas realmente justo no momento quando minha bunda e a cadeira iam se encontrar... mas, neste exato momento, justo...

ELE, *sentado*. – Então ?

ELA, *de pé*. – Então... Então, eu não me sento !

*Ela saltita feliz pelo palco.*

Eu era inocente, claro, claro... « Inocente » mas não desesperadamente estúpida... Tudo bem que foi antes da minha grave operação ... Eu não tinha verdadeiramente conhecido o sofrimento, como dizem nas « memórias » das pessoas famosas... Mas eu já sabia algumas

coisas elementares para passar a vida sem muitos problemas. Claro, para o homem, isto foi um choque... um pouco como para você.

ELE, *sentado*. – Eu ? Oh, eu, não estou nem aí...

ELA, *de pé*. – Olha, foi exatamente o que ele me disse... Então, eu disse para ele : « Então, adeus ! Não tem de quer... Boa tarde e que sol lindo, não é ? »

*Ela parte.*

ELE, *sentado*. – Não, espere, espere ! Está tão cedo ainda. Você tem todo tempo... E sua companhia, me é muito agradável... Devo dizer que nunca até agora...

ELA, *de pé*. – Vamos, vamos ! Não faça tanto esforço ! Eu sempre faço isto. Eu digo : « Adeus... adeus... Boa tarde... » e depois, na verdade, eu não parto ! Evidentemente para aquele que fica na cadeira, é um pouco inquietante... « Terrível », talvez ? Na verdade não é verdadeiramente maldoso, visto que eu volto sempre... Não é ?... Você sabe ? Eu vi alguém banhado de lágrimas uma vez... É verdade que eu fiquei escondida vários minutos...

*Ele ri.*

Foi engraçado, aquele homem que chorava... você, você não chora ?

ELE, *sentado*. – Certamente não.

ELA, *de pé*. – Bom... então adeus, não é. Boa tarde e que sol lindo !

*Ela parte.*

ELE, *sentado*. – Espere !... Espere ! Fique aqui, não brinque de monstros estúpidos !... Você é boba e dura também !... Será que você não sabe que é terrível ? Sim, « Terrível », é a palavra... Na verdade, você não tem o direito... Eu tenho certeza que está escrito em algum lugar que é proibido...

ELA, *de pé. Ela volta*. – Você acha ?

ELE, *sentado*. – Certamente... Você tem que entender, mesmo na sua idade, é demais. É demais... é « terrível » demais... Tenho certeza que você não tem o direito... Uma coisa assim tão grave não deve ser permitida ...

ELA, *de pé*. – É desanimador. Veja : eu não estou fazendo nada de mal, eu volto sempre... Mesmo se a priori não temos nunca realmente certeza... Você teve medo ?

ELE, *sentado*. – É claro que eu tive medo, é claro ! Eu gostaria que você estivesse no meu lugar !

ELA, *de pé. Repentinamente muito violenta.* – Eu não tenho que estar no seu lugar ! Jamais me deixei surpreender (pegar de surpresa), eu !

ELE, *sentado.* – Você está brincando de um jogo terrível. Nem mesmo é engraçado...

ELA, *de pé.* – Além do que...

*Um tempo.*

...Além do que, eu não te disse tudo : adivinhe quem está chegando.

ELE, *sentado. Ele tapa os ouvidos.* – Eu te proíbo !

ELA, *de pé.* – Ninguém me proíbi de nada... ! E mesmo se alguém ousar, de toda maneira eu não escuto !... Eu ia dizendo... O que eu ia dizendo ?

ELE, *sentado.* – Você dizia : « Adivinhe quem está chegando. »

ELA, *de pé.* – Sim, obrigada... Então, na sua opinião... ?

ELE, *sentado.* – Eu não sei !

ELA, *de pé.* – Mas sim, mas sim ! Você sabe... Você não vai querer de qualquer forma que eu acredite que você não sabe. Escute alguma coisa muito grande, muito barulhenta também...

ELE, *sentado.* – Não !

*Ele tapa os ouvidos.*

ELA, *de pé.* – Claro, não quer dizer que você arrisque tanto quanto acredita... Talvez você tenha suas chances : quem não as têm ? Note, eu conheci pessoas, se posso dizer, que... « apesar de todos os seus esforços »... não tiveram chance... É claro, tudo depende do que entendemos por « chance »...

ELE, *sentado.* – Você poderia ser gentil e boa.. você me faria um favor... Nós diríamos de você : « Meu Deus, meu Deus... »

ELA, *de pé.* – Diriam isto ?

ELE, *sentado.* – ...Não, não realmente... não realmente...

ELA, *de pé.* – Era bem o que eu pensei !

ELE, *sentado.* – Diriam : « Que criança adorável... »

ELA, *de pé.* – Não sou mais uma criança !

ELE, *sentado.* – Sim, claro, claro... Diriam : “Que ela foi boa e útil... »

ELA, *de pé*. – Não diriam nada, nem uma palavra... Ninguém nunca diz nada ... E nunca ninguém conseguirá me persuadir do contrário. Passaremos sem uma palavra. No máximo um olhar irônico, um olhar de velho querendo dizer... « Que mulher desesperadamente estúpida »... As pessoas não são boas, é um dos velhos princípios que me fazem agüentar... Eu posso ser pura e inocente a chorar de alegria celeste em me vendo passar... Não sou completamente « descontrolada »... Quero dizer : « me dirijo perfeitamente por dentro »...

ELE, *sentado*. – Perdão ?

ELA, *de pé*. – Sim... como nos manuais científicos em venda livre : « eu controlo perfeitamente meu « consciente » graças a um perfeito controle do meu inconsciente »... ou alguma coisa parecida... Estas são bases elementares e primordiais que eu adquiri durante a longa convalescença que seguiu minha grave operação... Você já foi operado ?

ELE, *sentado*. – Não... sim... enfim, como todo mundo, nem mais nem menos...

ELA, *de pé*. – Eu, me submeti a uma « grave operação »... O que foi terrível, verdadeiramente « terrível »... « Terrível », no sentido « Horrível » você entendeu... não no sentido : ...

ELE, *sentado*. – Sim, sim, eu entendo.

ELA, *de pé*. – Foi muito grave, muito muito grave... Eu era um caso desesperado, é certo... Claro, eu estava um pouco « traumatizada »... Você, você sabe o que quer dizer « traumatizada » ?

ELE, *sentado*. – Sim, é claro.

ELA, *de pé*. – Ah, bom, *tanto pior*.

*Um tempo.*

Então, eu fiquei assim, deitada, vários anos. Você não pode compreender, você não sabe o que é isto.

ELE, *sentado*. – Não, não verdadeiramente.

ELA, *de pé*. – Anos deitada, com o teto acima da minha cabeça, pintado de branco para ser mais triste... Veja, quando eu penso nisto novamente, me dá vontade de pular.

*Ela pula.*

O dia inteiro, a noite inteira... Durante oitocentos e quarenta e sete dias ! ou hum mil trinta e dois... eu não sei mais. Enfim, durante dias e dias... Eu me dizia : Quando você ficar de pé, você vai correr por todos os lugares, para frente e para os lados ! Você fará uma corrida e você vai ultrapassar todo mundo ! É isto que eu me dizia...

ELE, *sentado*. – Compreendo.

ELA, *de pé*. – Não, você não compreende, ninguém ! Não tente me dar o velho golpe do script/roteiro da compreensão cheia de piedade. É tarde demais além do que, é muito fácil !...

Por que você não foi me ver no hospital ? Todos os dias, eu o esperava !

ELE, *sentado*. – Mas, eu... eu não podia !

ELA, *de pé*. – Ah sim ? É fácil, é bem o que eu dizia ! Você tem suas ocupações favoritas : a pesca de vara e tricotar o enxoval para a criança que vai nascer !

ELE, *sentado*. – Você não é muito caridosa...

ELA, *de pé*. – Não sou nem um pouco. Tenho orgulho disto ! Todos os domingos, eu esperava por você e depois você não vinha nunca : você me esqueceu, não era difícil. Então « Eles » inventaram uma coisa muito simples : me colavam algodão nas bochechas para que minhas lágrimas parassem ali e não molhassem os lençóis. E no domingo a noite, a moça gorda pintada de branco como o teto me abria a boca a força para colocar nela um bala mole. Os outros dias, não me colocavam algodão, evidentemente, não era « dia de visita », não tinha necessidade... Se eu chorava naquele tempo, era por sua causa, ou de um outro que se parecia com você ou que se parecia com alguém que... O que nos importa, não é?... Agora, “hoje”, eu creio, eu não choro nunca... ou então, rápido, muito rápido!...

ELE, *sentado*. – E eu... É a mesma coisa... Você acha que a vida é mais simples desta maneira? Sentado ou deitado, é a mesma ausência de vida.

ELA, *de pé*. *Ela ri maldosamente*. – Você, você vê as pessoas que passam...

ELE, *sentado*. – Nunca passa ninguém!

ELA, *de pé*. – Claro! Mas, eu, por exemplo... Eh bem, eu passo, “sem parecer”...

ELE, *sentado*. – Por piedade!

ELA, *de pé*. – Por piedade, eu acordo com você: não é tão bonito... Mas eu passo e eu te dou do meu tempo olhando por alto o consumo dos minutos que correm... Praticamente, é pura generosidade!... Eu não gostaria de parecer extremamente rancorosa, mas eu não tenho a lembrança de você, quando eu estava face a face com aquele teto...

ELE, *sentado*. – Mas eu não podia, eu não posso!

ELA, *de pé*. – QUANDO A GENTE QUER, A GENTE PODE. TUDO É UMA QUESTAO DE QUERER. O FUTURO PERTENCE AOS QUE OUSAM. O PASSADO, É O QUE SOBRA QUANDO NÃO TENTAMOS NADA.

Um tempo.

O AFORISMO, É O FUTURO DO HOMEM.

... e assim por diante... Não é certamente com seus olhares de cachorro batido e suas lamentações que você vai se sair dessa! Você tem suas chances, é o que você deve se repetir o dia todo. Todo mundo tem suas chances, é lógico. Senão a vida não seria um jogo, não valeria a pena... De “como você” eu conheci um número impossível... Todos como você! Praticamente, pensando bem nisso, não me parece que eu conheci diferentes...



ELE, *sentado*. – Você acha talvez que seja fácil?

ELA, *de pé*. – Eu não acho nada. É uma das minhas teorias mais importantes.

ELE, *sentado*. – Você tem muitas teorias?

ELA, *de pé*. – É preciso, senão...

ELE, *sentado*. – Senão...?

ELA, *de pé*. – Você entendeu muito bem, não tente se fazer de esperto! Quando eu estava com o nariz para cima e os olhos grandemente abertos... Eu ficava sempre com os olhos abertos, para que “Eles” soubessem que eu estava viva... Eu tinha medo que eles achassem que eu tinha morrido, e que eles... Você compreende?

ELE, *sentado*. – Sim, eu compreendo.

ELA, *de pé*. – Claro, não é difícil!

*Um tempo.*

Então com meu nariz para cima e meus olhos tristes, eu pensava muito, é lógico... Podemos mesmo dizer, se quisermos, que eu não tinha outra coisa para fazer. Era isto ou nada. Então, eu pensava. E eu prometi para mim mesma naquele momento, eu prometi para mim mesma nunca mais esperar que ...

ELE, *sentado*. – Esperar que...?

ELA, *de pé*. – Você sabe bem...

*Um tempo.*

Então aquele homem lá me diz: “Sente-se!”

ELE, *sentado*. – Sim, “Sente-se!”

ELA, *de pé*. – Exatamente. Eu respondo: “De jeito nenhum!”

ELE, *sentado*. – Por quê?

ELA, *de pé*. – Porque!... Porque a vida é assim... porque “A fortuna sorri aos que... Aos que tem duas pernas e que as sabem usar!” Pronto, é isto... e também, porque... porque... “LEVANTE-SE E ANDE”, e não o contrário!

ELE, *sentado*. – Eu não gostaria de dar a impressão de lamentar mais uma vez, como você diz, mas você deveria tentar compreender meu problema, e se sentar...

ELA, *de pé*. – Então, eu não hesito, não é do meu feitio, e eu o digo, de novo: “Nem pensar!”... E ele retoma suas velhas histórias... “História para dormir de pé!”

*Ela morre de rir.*

Me desculpe, não é engraçado... eu não pude me controlar!

*Ela ri.*

ELE, *sentado*. – Há dias que estou aqui esperando que alguém passe e que alguém pare... Há dias? Não, há dias não, há meses, há anos! Você seria a mais... a mais maravilhosa das moças gentis se ... se você se sentasse... um momento, nada mais do que um momento...

ELA, *de pé*. – “Nem pensar!” eu digo. “Cada um por si e a vida será bem assegurada...!” ... ou alguma coisa desse gênero...

*Um tempo.*

Escute, eu sou muito boa... pouco ou muito eu passava, poderia ter continuado meu caminho como muitos... Você sabe, não é a piedade que sufoca o outro...

ELE, *sentado*. – Eu sei, eu sei...

ELA, *de pé*. – Praticamente, na pior das hipóteses, inclusive, desculpe a digressão... Você, você sabe o que quer dizer “digressão”?

ELE, *sentado*. – Sim, claro.

ELA, *de pé*. – Com raiva. – Pare de saber tudo: você acaba por sendo antipático!...

*Um tempo.*

Eu queria dizer: “Nada sufoca o outro”...

ELE, *sentado*. – Sim, claro, claro...

ELA, *de pé*. – “O HOMEM É UM HOMEM PARA O HOMEM.”

ELE, *sentado*. – É evidente...

ELA, *de pé*. – E deixe de ser sempre tão conciliador! Seja desagradável, de vez em quando! É uma das melhores saídas que existe!...

*Um tempo.*

Quando esta espécie de moça gorda suja pintada de branco chegava domingo a noite com sua bala mole, e que falava: “Quem é que vai ter direito ao seu docinho semanal? Quem é?”, eu, apertava os dentes que ainda me restavam na época, tão forte que eu podia... e eu me dizia: “Desta vez, já era... ela não poderá... Sou eu quem vai ganhar...” Claro eu perdia a cada vez porque ela tinha um truque infalível... assim:

*Ela dá um grande soco com a mão fechada no abdômen: ele abre brutalmente a boca sob a violência do choque, e ela ali deposita uma bala que segurava durante toda a sua fala.*

Eu, dizia para mim mesma: “Não faz mal, não faz mal... Da próxima vez eu conseguirei... Eram histórias como essa que me faziam sobreviver de domingo a noite a domingo a noite.

*Um tempo.*

Você gosta de bala mole?

*Ele, sentado, chora devagar, curvado sobre ele mesmo.*

Não chore, é ridículo... Era uma brincadeira “inocente”... e pura também. Não chore! Eu tenho horror que chorem! Você entende?... Não se comporte como uma criança!... Se você continuar a chorar, isto vai me deixar triste. Eu tenho horror de ficar triste! É uma das inúmeras coisas que eu me proibi... Ou melhor, então, somente nas “grandes circunstâncias”. Você não é uma grande circunstância, nem pensar! Deixe de chamar a atenção!

*Um tempo.*

Eu vou embora, você escutou, eu vou embora!... “Bom, tchau! Não tem de quer... Boa tarde e que sol bonito, não é?”

*Ela vai embora... ou melhor ela faz de conta que vai embora. Ele não olha ela partir. Ele chora sobre si mesmo, sem uma palavra... ele não a chama e portanto é o que ela espera.*

Eu vou embora... DE VERDADE! “de-fi-ni-ti-va-men-te!”... e eu não voltarei jamais...  
Jamais!

*Ele não reage mais: ele chora em silêncio, com calma e aplicação.*

Estou voltando! Eu nem tinha ido embora!... Não, não! Eu estava brincando com você... Oh, eu tenho horror que fiquemos tristes... Você quer que eu te conte uma história engraçada?... “É a história de um homem que...” Não... “É a história...” Escute, se você não deixar de chorar, eu ... eu vou fazer alguma coisa... Eu vou gritar! ... Eu vou bater em você!... e maldosamente!

ELE, *sentado*. – Me desculpe... Não é nada...

ELA, *de pé*. – Olhe, você sabe o que vamos fazer? Eu vou deixar você tocar meu calcanhar... É o que nós temos de mais bonito na minha idade, eu acho...

ELE, *sentado*. – Isso não mudará nada...

ELA, *de pé*. – Sim, claro. Mas não se pode sistematicamente pensar ao útil, não é?... A gratuidade das coisas pode ter algo de bom de vez em quando... e não muito longo...

ELE, *sentado*. – Eu não vou fazer nada com seus calcanhares! São calcanhares sujos de uma garota suja!

ELA, *de pé*. – O que?

ELE, *sentado*. – De uma garota suja! De uma garota feia!

ELA, *de pé*. – Senhor, você não é um verdadeiro cavalheiro! Eu diria até mais: o senhor é um frouxo! Você sabe o que quer dizer frouxo?

ELE, *sentado*. – Sim, eu sei! Eu sei tudo! Todas as palavras; até as mais longas e as menos utilizadas! Eu aprendi o dicionário antes de você!

ELA, *de pé*. – Ah é?... Pois bem, mas você não aprendeu grande coisa! Eu já falei para você o que acontece com a velocidade de um cavalo fiscal? Você sabe o que eu quero dizer?

ELE, *sentado*. – Você não tem o direito!

ELA, *de pé, ri*. – É verdade, mas ninguém ficará sabendo... eu vou esperar que “isso” aconteça, com você... você será meu único, e depois, no último momento, eu me colocarei de lado, e você ficará bem colocado na trajetória: que pena!

ELE, *sentado, tampa os ouvidos*. – Cale-se! Cale-se...

*Um tempo.*

*Ela gira em torno dele.*

Eu estou inteiramente disposto a tocar seus calcanhares... se você quiser...

ELA, *de pé*. – Ah é? É muito gentil: estou vendo que você está se tornando muito mais razoável... Então, você estaria mesmo de acordo em tocar meus calcanhares? Mas, é muito interessante...

*Um tempo.*

Então, sou quem ganha...?

ELE, *sentado*. – Sim, sim... é você quem ganha...

ELA, *de pé*. – Muito bem... O problema, veja, meu caro amigo, é que eu não estou com mais nenhuma vontade que você toque meus calcanhares: é tarde demais! Azar o seu, não é? Fica para uma próxima!

ELE, *sentado*. – Você é, você é...

ELA, *de pé*. – Eu sou “pura e inocente!”

ELE, *sentado*. – O que você está esperando, hein? O que você está esperando?

ELA, *de pé*. – A mesma coisa que você... A única diferença que eu, no momento certo, ou no pior de todos, se você preferir, eu me afastarei, e você obviamente, você ficará bem no meio!

ELE, *sentado*. – Para mim tanto faz, você está me escutando, para mim tanto faz!

ELA, *de pé*. – Não é isso, não é isso! Não pode ser... sabe, todo mundo diz isso para parecer inteligente... e no momento “fatídico”, como dizem nos filmes a gente grita, a gente chama a nossa mãe. Você tem uma mãe?

ELE, *sentado*. – Não.

ELA, *de pé*. – Eu também não, isso deveria nos aproximar!

*Um tempo.*

Eu estava dizendo: “A gente grita, a gente suplica, a gente promete...”

ELE, *sentado*. – Você parece bem informada. A experiência, talvez?

ELA, *de pé*. – Não! certamente não!

ELE, *sentado*. – Pois sim, pois sim... Um choque assustador, não é? Algo que lentamente, muito lentamente, penetra nosso corpo...

ELA, *de pé*. – Eu não sei absolutamente do que você está falando!

ELE, *sentado*. – É claro...

*Imitando-a.*

“Do que eu estava falando?” Ah, sim! Alguma coisa que a projeta no ar lentamente, certamente, deixando-a cair... “E o barulho? Neste momento, do seu corpo que toca o solo...” Um barulho tão... Tão... Como dizer? Podemos imitá-lo...? Um barulho mole, não é? Como um caramelo.

*Imitando-a.*

“Você sabe o que quer dizer mole, você?”

ELA, *de pé*. – É você quem vai passar. Desta vez, você entende? Eu vou ganhar!

ELE, *sentado*. – Mas não, minha pequena!... Ainda não... Teremos que deixar isso para uma próxima vez... Como todas as vezes, inclusive, não é?

ELA, *de pé*. – Mas não! Eu vou ficar e você passará embaixo e eu te olharei pular, com sua cadeira ridícula...

ELE, *sentado*. – Você sabe bem que isso não é possível! Toda vez, toda vez... É a mesma história!

ELA, *de pé*. – Eu vou ganhar, eu vou ganhar!

*Ela quer pular no ar, ela não consegue: no máximo ela decola os pés do chão, de repente pesada. Ela tentar fazer “a estrela”, ela cai, ela fica no chão. Tudo isso dura muito tempo, muito tempo, tempo demais: quase sem sair do lugar, como em câmera lenta.*

ELE, *sentado*. – Está vendo?

*Imitando-a.*

“A VIDA É DIFÍCIL.”

“BEM MAL ESPERO NUNCA ENCONTRÁ-LA.”

ELA, *de pé. Voz fraca. Ela está no chão, de fato.* – ... Seja gentil, deixe-me tranqüila! Se você me ajudar a levantar, eu o deixo tocar meus calcanhares... Eu o deixo tocar meu corpo... meu corpo de menininha. “Pura e inocente”...

ELE, *sentado. Ele ri. Ele tira um pacote de seu bolso.* – Você aceita uma bala mole, senhorita?... Na sua idade, nós amamos isso, não é?

*Ela estende a mão.* - ... Ajude-me a me levantar, senhor...

*Sorrindo dificilmente.*

Não sei o que está acontecendo comigo... Oh, nada de grave, fique tranqüilo, estou vendo que está preocupado! Um leve mal estar... Isso vai passar, certamente... Estou me sentido fraca, tão fraca... O calor, talvez, e o meu chapéu... Meu chapéu, onde está? Nós deveríamos ser muito menos confiantes na resistência de nossa caixa craniana... Eu creio... Eu creio que vou ficar alguns instantes no solo, isso vai passar, é certo... Não ser preocupe, às vezes isto me acontece...

ELE, *sentado.* – Coma uma bala, senhorita... Isso não pode fazer mal a você...

ELA. – Oh, senhor, você é bem amável, mas eu não sei se eu devo...

ELE, *sentado.* – Oh, por que, senhorita?... Além do que, de toda maneira, não é?

ELA... Sim, senhor, você tem razão “de toda maneira”...

*Eles se seguram as mãos.*

ELE, *sentado.* – Você não tem que se preocupar além do necessário sobre o futuro do seu próprio destino, isso não seria conveniente... A gente diz nos “manuais científicos em venda livre” que a cirurgia contemporânea é muito avançada para sua idade... Você tem as suas chances, senhorita: todo mundo tem suas chances, é uma das obrigações da vida conosco...

Ele ajuda-a a se colocar na cadeira. Mal tinha sentado, ele se levanta com um super impulso alegre. Ele dá uma pirueta, um monte de piruetas em volta dela...

ELA, *sentada.* – Eu perdi, senhor, me parece...

ELE, *de pé.* – Sim, senhorita, me parece igualmente...

*Ele lhe dá um grande soco com a mão fechada no abdômen: ela abre a boca sob o efeito do choque: ali ele deposita um caramelo mole.*

Tome, senhorita, fique com o pacote.

*Ele hesita um pouco, depois então ele decide: ele toca seus calcanhares.*

“Pois bem, tchau! Não tem de que... Boa tarde e que lindo sol, não é?”

Ele sai fazendo uma estrela, se ele quer ou se ele pode.

ELA, *sentada*. – Você virá, senhor, me ver no domingo a tarde, em horário de visita: das 14H às 18H, exceto contra indicações do médico tratante? Deposite, senhor, o seu cigarro na entrada, por favor...

O barulho ensurdecedor, crescente.

Fim